



Desenho infantil – evolução e aplicabilidades na clínica fonoaudiológica

Child design - evolution and applicability in speech-language clinic

Diseño infantil - evolución y aplicabilidad en la clínica fonoaudiológica

*Dariana Guadagnin**

*Roberta Freitas Dias**

Resumo

Objetivos: Descrever e analisar a evolução do desenho de crianças com desenvolvimento típico de linguagem na Educação Infantil e discutir a sua aplicabilidade na clínica fonoaudiológica. **Métodos:** A coleta de dados foi realizada em uma escola de educação infantil, com 25 alunos de dois a cinco anos de idade, no período de julho a setembro de 2017. Foram realizadas três atividades distintas, em grupo, com intervalo de um mês entre elas, conforme a faixa etária. Para a classificação dos desenhos utilizou-se a proposta de Lowenfeld e Brittain. A análise qualitativa baseou-se em Montanini. Os dados obtidos foram analisados por meio do teste exato de Fisher e o teste de Friedman. **Resultados:** Verificou-se diferença significativa, quanto à classificação dos desenhos, entre as faixas etárias. Ao considerar a sua evolução, baseado nos três encontros, não se observou diferença relevante. **Conclusão:** Observou-se, a partir das análises qualitativa e quantitativa, evolução do desenho infantil, à medida que a criança vai se desenvolvendo. Dada a importância de estudos sobre o desenho infantil para a Fonoaudiologia, sugere-se que outras intervenções relacionadas à evolução do desenho sejam desenvolvidas, de forma individual e com maior intervalo de tempo entre as coletas de dados.

Palavras-chave: Desenho; Criança; Desenvolvimento Infantil; Desenvolvimento da Linguagem

* Faculdade Nossa Senhora de Fátima, Caxias do Sul, RS, Brasil

Contribuição dos autores:

DG foi responsável pelo delineamento do estudo, coleta de dados, análise e discussão dos resultados e elaboração do manuscrito; RFD acompanhou todo o desenvolvimento da pesquisa, colaborou com a escrita e realizou revisão crítica do manuscrito.

E-mail para correspondência: Roberta Freitas Dias - robertafdias@hotmail.com

Recebido: 25/10/2018

Aprovado: 30/09/2019



Abstract

Aim: To describe and analyze the evolution of children's design with typical language development in childhood education and to discuss its applicability in the speech-language clinic. **Methods:** Data collection was performed at a kindergarten school, with 25 students from two to five years of age, from July to September, 2017. Three distinct activities were performed in a group, with a one-month interval between them, according to the age group. For the classification of the design, it was used the proposal of Lowenfeld and Brittain. The qualitative analysis was based on Montanini. The data were analyzed using the Fisher exact test and the Friedman test. **Results:** There was a significant difference in the classification of the design, according to the age groups. When considering its evolution, considering the three meetings, no significant difference was observed. **Conclusion:** From the qualitative and quantitative analyzes, it was observed the evolution of the child's design, as the child develops. Considering the importance of studies on children's design for speech therapy, it is suggested that other interventions related to the evolution of design be developed individually and with a longer time interval between data collection.

Keywords: Design; Child, Child Development; Language Development

Resumen

Objetivo: Describir y analizar la evolución del diseño de niños con desarrollo típico de lenguaje de la Educación Infantil y discutir su aplicabilidad en la clínica fonoaudiológica. **Procedimientos:** La recolección de datos fue realizada en una escuela de educación infantil, con 25 alumnos de dos a cinco años de edad, en el período de julio a septiembre de 2017. Se realizaron tres actividades distintas, en grupo, un intervalo de un mes entre ellas, según el grupo de edad. Para la clasificación de los diseño se utilizó la propuesta de Lowenfeld y Brittain. El análisis cualitativo se basó en Montanini. Los datos obtenidos se analizaron mediante la prueba exacta de Fisher y la prueba de Friedman. **Resultados:** Se verificó una diferencia significativa en cuanto a la clasificación de los diseño, según las franjas de edad. Al considerar su evolución, considerando los tres encuentros, no se observó diferencia relevante. **Conclusión:** Se observó, a partir de los análisis cualitativo y cuantitativo, evolución del diseño infantil, a medida que el niño se va desarrollando. Teniendo en cuenta la importancia de los estudios sobre el diseño infantil para la terapia del habla, se sugiere que otras intervenciones relacionadas con la evolución del diseño se desarrollen individualmente y con un intervalo de tiempo más largo entre la recopilación de datos.

Palabras clave: Diseño; Niño; Desarrollo Infantil; Desarrollo del Lenguaje

Introdução

Uma das formas mais antigas de comunicação é a representação gráfica de pensamentos e sentimentos. Como forma de registro da sua história, o homem primitivo deixava sua marca e os seus feitos em desenhos nas cavernas. Durante o desenvolvimento infantil, o desenho também aparece como a primeira forma de expressão, antes do domínio da leitura e da escrita¹.

Antes de ler e escrever, a criança se comunica com o mundo através de outras linguagens, como a fala, a brincadeira, os movimentos do corpo e o desenho. Mesmo sem saber ler ou escrever, ela estabelece laços com o mundo em que vive, expressando para as pessoas com quem convive seus sentimentos, suas ideias e seus desejos. O desenho

é um dos recursos que propicia esses laços, na medida em que a criança percebe que pode representar objetos e emoções, simbolicamente^{1,2,3}.

No início do seu desenvolvimento, a criança começa explorando o corpo e o ambiente em que está inserida; manipula objetos, materiais e brinquedos, além de interagir com as pessoas a sua volta, de forma dinâmica e espontânea. Com estas interações, organiza o pensamento, elaborando seu conhecimento, que é um processo contínuo e ativo^{4,5,6}.

Os primeiros anos do desenvolvimento infantil são importantes para o desenvolvimento da linguagem, já que nessa fase começam a se estabelecer padrões de aprendizagem, atividades e um sentido do próprio sujeito como ser, gerando reflexos em sua vida. Para a criança, o desenho é

considerado uma expressão do mundo e não uma simples imitação, porque ela desenha conforme o modelo interior, conforme a representação mental, que possui do objeto a ser desenhado⁷.

Lowendeld e Brittain⁷ defendem a ideia de que o desenho é importante para o desenvolvimento da criança, pois é através dele que ela desenvolve a capacidade de representar e expressar o que sente e vê, além de estimular a criatividade. Com isso, os autores estabeleceram duas fases para o desenvolvimento do desenho: fases das garatujas e fase pré-esquemática.

A primeira fase, das garatujas, ocorre em crianças de dois a quatro anos de idade, que produzem traços sem sentido e vão evoluindo para desenhos com conteúdo, que serão reconhecidos pelo adulto. As garatujas são classificadas em três categorias: as garatujas desordenadas, as garatujas controladas e as garatujas com atribuição de nomes⁷.

Nas garatujas desordenadas, os primeiros traços da criança variam em comprimento e direção. Enquanto ela os realiza, pode estar olhando para outro lado. Às vezes, eles não acontecem exatamente no papel, mas sim nas paredes e nos móveis. Nas garatujas controladas, a criança começa a descobrir que existe uma ligação entre seus movimentos, ela já descobriu o controle visual dos traços que realiza. Essa fase acontece por volta de seis meses, após o surgimento das garatujas desordenadas. A atribuição de significados às garatujas indica uma transformação no pensamento da criança, que começa a desenhar apresentando alguma ideia do que vai fazer e é também influenciada por aquilo que já fez⁷.

Na segunda fase, pré-esquemática, que acontece entre quatro e sete anos de idade, ocorrem as primeiras tentativas de representações. Por volta dos quatro anos de idade, as crianças já desenhavam algumas formas reconhecíveis, mas, às vezes, é difícil de analisar o que elas estão tentando representar. Os movimentos circulares e longitudinais convertem-se em formas reconhecíveis, e essas tentativas de representação procedem diretamente das fases das garatujas. Geralmente, o primeiro símbolo criado é a figura humana, com um círculo, que indica a cabeça, e duas linhas verticais, que representam as pernas. Esses indícios são encontrados em crianças com cinco anos⁷.

Segundo Rahal & Rolim⁹, o desenho infantil é uma linguagem espontânea e, por isso, um meio e material que contribui para o enriquecimento

do diagnóstico fonoaudiológico. Essas autoras realizaram um estudo com o objetivo de analisar o desenvolvimento do desenho na fase pré-escolar em crianças com e sem alteração do desenvolvimento da linguagem e concluíram que o aspecto gráfico do desenho contribui como mais um dado para a avaliação fonoaudiológica, mas advertem que o desenho não deva ser interpretado de forma superficial¹⁰.

Nesse sentido, é comum o fonoaudiólogo solicitar aos seus pacientes desenhos durante a avaliação e durante a fonoterapia, com o intuito de compreender aspectos emocionais, motores e cognitivos, além de promover o vínculo terapeuta-paciente^{9,10} ou para promover a interação entre pacientes, em uma atividade em grupo². O desenho livre permite que as crianças desenvolvam a criatividade, a invenção, a imaginação que devem estar de acordo com o olhar infantil, atendendo às etapas do seu desenvolvimento simbólico, afetivo-emocional, social, físico, linguístico e motor^{2,6}.

Apesar da escassez de estudos que apresentem a importância e a aplicabilidade do desenho na área da Fonoaudiologia, trata-se de um recurso utilizado com frequência nos campos da fala e da linguagem. Acredita-se que o uso desse recurso simbólico pelo fonoaudiólogo, em situação de avaliação ou de terapia, pode e deve ser subsidiado por investigações que mostrem aspectos desde a sua evolução, até o seu significado e a sua importância no *setting* terapêutico.

Com base nos pressupostos supracitados, este estudo teve como objetivo descrever e analisar a evolução do desenho de crianças da Educação Infantil, com desenvolvimento típico de linguagem, e discutir a sua aplicabilidade na clínica fonoaudiológica.

Material e Métodos

O presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa observacional, longitudinal/transversal e qualitativa/quantitativa. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Instituição de ensino superior em que foi desenvolvido e foi aprovado sob o protocolo de número 65166116.4.0000.5523.

As coletas aconteceram no período de julho a setembro de 2017 e foram realizadas em uma escola de Educação Infantil, filantrópica, sediada no município de Caxias do Sul-RS. Para que os alunos pudessem participar do estudo, foi neces-

sário autorização da escola por meio do Termo de Autorização Institucional e dos pais/responsáveis através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A escola supracitada recebe crianças de dois a cinco anos de idade, divididas em: maternal I e II, jardim I, II e IIB, e pré I e II. Ao todo, são 116 crianças, distribuídas em sete turmas. Para o estudo em questão, foram selecionadas sete crianças com desenvolvimento típico de linguagem, para cada uma das faixas-etárias: dois, três, quatro e cinco anos. As crianças foram selecionadas, de forma aleatória, através da lista de chamada cedida pela diretora. Para que participassem do estudo, foram considerados os seguintes critérios de inclusão: idade entre dois e cinco anos completos, no período da coleta de dados; desenvolvimento típico de linguagem e permissão para participar do estudo, por meio do TCLE. Foram excluídas do estudo as crianças que estavam recebendo terapia fonoaudiológica; que não tiveram o questionário preenchido por seus pais; que falharam na triagem auditiva e que apresentaram presença de alterações neurológicas, cognitivas ou psicológicas, evidentes. Além disso, as crianças que não compareceram à escola nos dias das coletas, foram excluídas do estudo, resultando em grupos com quatro sujeitos, no mínimo.

Antes de iniciar a coleta de dados, os pais/responsáveis que permitiram a participação de suas crianças no estudo responderam um questionário sobre o desenvolvimento da linguagem de seu filho(a), incluindo idade gestacional da mãe; tempo de gestação; se houve alguma intercorrência; se a criança falou/fala errado; se faz uso de medicamentos; quando falou as primeiras palavras; faz ou fez acompanhamento fonoaudiológico. Além do questionário respondido pelos pais, as crianças foram submetidas a uma triagem auditiva, que foi realizada por meio do audiômetro *Pediatric Audiometer PA5*, devidamente calibrado, conforme as normas do Inmetro.

Os dados foram coletados na própria escola, em uma sala reservada, em três encontros mensais

e em grupos, de acordo com a faixa etária. As crianças foram retiradas de suas salas de aula, nos três encontros, conforme combinado com a professora, previamente.

Cada criança recebeu uma folha de ofício branca (tamanho A4), sem linhas, e foi disponibilizado lápis de cor, giz de cera, lápis preto e borracha. Os materiais ficaram no centro da mesa para que cada criança pudesse manuseá-lo. Em cada encontro, foi disponibilizado o tempo máximo de 60 minutos para desempenhar a tarefa proposta. Ao desempenharem a tarefa proposta pela pesquisadora, as crianças foram observadas e filmadas para posterior análise do seu comportamento.

No primeiro encontro, a pesquisadora se apresentou para os participantes e, em seguida, mostrou todos os materiais que seriam disponibilizados. Foi solicitado, de forma simples e objetiva, que cada criança desenhasse a si mesma. No segundo encontro, foi realizada a leitura da história infantil *Três Porquinhos*. Logo após, foi solicitado que cada criança fizesse um desenho sobre a história escutada. No último encontro foi solicitado que as crianças desenhassem a si mesmas, novamente. Assim, foi possível realizar uma comparação com o primeiro desenho da figura humana realizado por elas.

Os desenhos foram analisados considerando a classificação de Lowenfeld e Brittain⁷ e as filmagens foram analisadas de forma qualitativa, com base no estudo de Montanini¹¹.

O método proposto por Montanini¹¹ foi aplicado com o objetivo de verificar se a criança coordena o que foi antecipado, o que está sendo e o que foi produzido (antecipações, organizações momentâneas e retroações). Essa investigação foi realizada por meio de questionamentos direcionados a cada uma das crianças, assim como a autora realizou em seu estudo.

Os desenhos coletados foram organizados por ordem crescente de idade e escolaridade, conforme demonstra a tabela 1. A análise das produções gráficas das crianças foi realizada individualmente e entre as faixas etárias.

Tabela 1. Caracterização dos sujeitos

Sujeitos	Idade	Gênero	Turma
1	2	Masculino	Maternal I
2	2	Masculino	Maternal I
3	2	Masculino	Maternal I
4	2	Masculino	Maternal I
5	3	Masculino	Maternal II
6	3	Masculino	Maternal II
7	3	Feminino	Maternal II
8	3	Feminino	Maternal II
9	3	Masculino	Maternal II
10	3	Masculino	Maternal II
11	3	Masculino	Maternal II
13	4	Masculino	Jardim I
14	4	Masculino	Jardim I
15	4	Masculino	Jardim I
16	4	Feminino	Jardim I
17	4	Masculino	Jardim II
18	4	Feminino	Jardim II
19	4	Feminino	Jardim II
20	5	Feminino	Pré I
21	5	Masculino	Pré I
22	5	Masculino	Pré I
23	5	Feminino	Pré I
24	5	Feminino	Pré I
25	5	Feminino	Pré I

Para descrever o perfil da amostra foram desenvolvidas tabelas de frequência das variáveis categóricas, com valores de frequência absoluta (n) e percentual (%), e estatísticas descritivas das variáveis contínuas, com valores de média, desvio

padrão, valores mínimo e máximo, mediana e quartis.

Na tabela 2 encontra-se a classificação quanto à idade e ao sexo da amostra.

Tabela 2. Caracterização dos sujeitos quanto à idade e ao sexo

Idade	N (%)
2	4 (16,67%)
3	7 (29,17%)
4	7 (29,17%)
5	6 (25%)
Sexo	N (%)
Feminino	9 (37,5%)
Masculino	15 (62,5%)
Total:	24 (100%)

Legenda: N – número de sujeito.

Para comparação das variáveis categóricas foi utilizado o teste exato de Fisher. Para comparação das etapas do desenho infantil entre os três encontros foi utilizado o teste de Friedman. O nível de significância adotado para os testes estatísticos foi de 5%, ou seja, $p < 0.05$.

Resultados

Na tabela 3 constata-se a classificação dos desenhos de acordo com a faixa etária, nos três encontros realizados.

Tabela 3. Comparação da classificação dos desenhos, em cada um dos encontros, considerando a faixa etária das crianças**

Classificação de Lowenfeld e Brittain						
Encontros	Idade	Garatuja desordenada N/%	Garatuja controlada N/%	Atribuição de nomes às garatujas N/%	Fase pré-esquemática N/%	Valor de p
1ª Encontro Desenho da Figura Humana	2	3	0	0	0	*p<0.001
		100	0	0	0	
	3	7	0	0	0	
		100	0	0	0	
	4	1	6	0	0	
5	14,29	85,71	0	0		
		0	2	2	2	
		0	33,33	33,33	33,33	
2ª Encontro Reprodução Gráfica	2	4	0	0	0	*p<0.001
		100	0	0	0	
	3	7	0	0	0	
		100	0	0	0	
	4	1	6	0	0	
5	14,29	85,71	0	0		
		0	1	2	3	
		0	16,67	33,33	50	
3ª Encontro Desenho da Figura Humana	2	4	0	0	0	*p<0.001
		100	0	0	0	
	3	7	0	0	0	
		100	0	0	0	
	4	1	6	0	0	
5	14,29	85,71	0	0		
		0	1	2	3	
		0	16,67	33,33	50	

Legenda: N – número de sujeito.

**Teste exato de Fisher

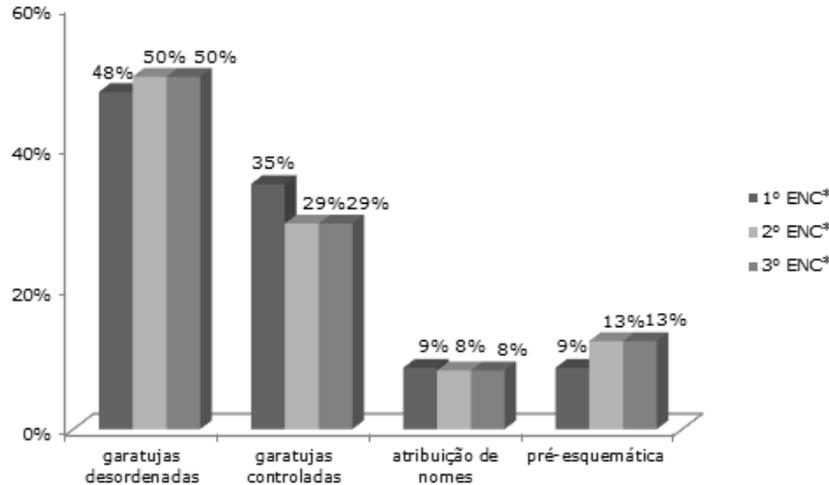
*p<0.05

Pelos resultados, verificou-se diferença significativa entre as faixas etárias nos três encontros. Notou-se, nas três coletas dos desenhos, maior frequência de garatujas desordenadas no grupo de crianças entre dois e três anos de idade; de garatujas controladas na faixa etária dos quatro anos; e de

atribuição a nomes às garatujas e fase pré-esquemática na faixa dos cinco anos de idade.

O gráfico 1 indica a evolução do desenho infantil, considerando as três coletas de dados realizadas, mensais.

Gráfico 1. Comparação das etapas do desenho infantil entre as três coletas de dados**



Legenda: ENC – encontro.
**Teste de Friedman
*p=0.135

Considerando a classificação do desenho utilizada neste estudo, observou-se que no intervalo de tempo pesquisado sua evolução não foi significativa.

A análise qualitativa dos dados foi realizada com base em Montanini, sendo observados comportamentos como antecipações, organizações momentâneas e retroações sobre o seu desenho. Observou-se:

- *Faixa etária de dois anos:* a comunicação foi difícil, justamente pelo fato de as crianças estarem no início da aquisição fonológica, tornando difícil a compreensão da sua fala, por parte da pesquisadora. As que responderam as perguntas solicitadas mantiveram a mesma ideia do início ao fim (FIGURA 1).



Figura 1. Desenho realizado pelo sujeito 3 (2 anos)

- *Faixa etária de três anos:* apenas uma criança manteve a mesma ideia ao iniciar o desenho e finalizá-lo. As demais começaram desenhando, por exemplo, uma casa e no final, desenharam os três porquinhos. Além de casos em que a criança desenhava algo que não fazia parte da história escutada (FIGURA 2).



Figura 2. Desenho realizado pelo sujeito 6 (3 anos)

- *Faixa etária de quatro anos:* foi possível observar que a grande maioria manteve a mesma ideia e, no desenho final, acrescentaram mais coisas, como por exemplo: “vou desenhá-los três porquinhos”; na segunda pergunta a criança manteve a mesma ideia e na pergunta final desenhava os três porquinhos, o lobo e a casinha (FIGURA 3).



Figura 3. Desenho realizado pelo sujeito 16 (4 anos)

- *Faixa etária de cinco anos:* houve diferentes situações. Teve a criança que manteve a mesma ideia, a criança que mudou a resposta em cada pergunta, e aquela que desenhava a família, em vez da história contada, e aquela que, no final,

desenhava outros elementos, além da ideia inicial (FIGURA 4).



Figura 4. Desenho realizado pelo sujeito 25 (5 anos)

Discussão

Constatou-se diferença significativa na evolução do desenho, considerando as faixas etárias. Nas crianças de dois e três anos, notou-se maior frequência de garatujas desordenadas; nas de quatro anos percebeu-se maior incidência das garatujas controladas e nas crianças de cinco anos de idade verificou-se atribuição de nomes às garatujas e fase pré-esquemática.

A criança começa a desenhar sem sentido algum e vai evoluindo para traços com sentido, até formar desenhos com algum contexto, até que ele seja reconhecido pelo adulto^{5,7}. Os rabiscos realizados pelas crianças, inicialmente, acontecem pela sensação de satisfação, pelo desenvolvimento motor, orgânico, rítmico e de aprendizagem⁶.

No estudo em questão, verificou-se que não houve diferença significativa na coleta dos desenhos, considerando os três encontros realizados. Pode-se dizer que o intervalo de um mês entre cada encontro não foi o suficiente para verificar a evolução do desenho, individualmente.

Lowenfeld e Brittain⁷ observaram em seus estudos, que uma criança leva em torno de seis meses para evoluir de garatujas desordenadas para garatujas controladas e que, conforme o tempo vai passando, a criança vai firmando seus traços, transformando-os em desenhos e, assim, ela vai evoluindo para as demais etapas do desenvolvimento do desenho.

Os dados obtidos nesse estudo revelaram que a evolução do desenho parece ser dinâmica e não,

necessariamente, linear. Isso pode ser observado pela porcentagem de garatujas desordenadas, que aumenta na segunda e na terceira coleta de dados. Ainda, as garatujas controladas e as atribuições de nomes mantêm-se estabilizadas nas segunda e terceira coleta de dados, enquanto as garatujas desordenadas e a fase pré-esquemática aumentaram a porcentagem de ocorrência.

Neste estudo, as crianças foram questionadas durante a reprodução gráfica de uma história escutada, para verificar sua coordenação entre o que foi antecipado, o que estava sendo produzido e o que havia sido realizado (antecipações, organizações momentâneas e retroações), conforme metodologia aplicada por Montanini¹¹. As crianças de dois anos produziram traços sem sentido, somente com movimentos para frente e para trás, dificultando a interpretação, por parte da pesquisadora, sobre o que estavam desenhando.

Com as crianças de três anos de idade, houve uma discrepância entre o que a criança projetou e o desenho que ela finalizou. Pode-se pensar que elas têm intenção de desenhar algo para representar a história ouvida, mas, misturam com o que está na sua mente e o que elas têm desejo de desenhar.

Segundo Montanini¹¹, num primeiro momento, o desenho da criança é involuntário, ela desenha para fazer linhas sem nenhum objetivo específico. Desde os primeiros traços, o desenho da criança é uma criação. O prazer do traço, a princípio esporádico, se torna intencional⁶.

Nas crianças maiores, de quatro e cinco anos, houve um aprimoramento dos traços. Os desenhos começaram a ganhar formas e fazer sentido. A maioria delas manteve a mesma ideia inicial e anunciaram o que estavam desenhando. Isso corrobora os resultados observados por Lowenfeld e Brittain⁷, os quais referem que na fase de atribuição a nome às garatujas, a criança começa a desenhar com alguma ideia e é também influenciada por aquilo que já fez. Nessa mesma fase, a criança anunciará o que está desenhando.

Luchese e Reily¹⁰ realizaram um estudo em que foram entrevistados cinco fonoaudiólogos clínicos, seis docentes e três alunos de último ano, representando três cursos de graduação em Fonoaudiologia do interior do estado de São Paulo. Esse trabalho teve como objetivo abranger sujeitos com visões diferentes a respeito do desenho infantil e sua aplicação na Fonoaudiologia: o aluno como aprendiz, o docente como figura mediadora de co-

nhecimento e o clínico representando a aquisição de conhecimento por meio da prática.

Na entrevista realizada, a maioria dos fonoaudiólogos respondeu que usa o desenho, tanto em avaliação como em terapia. Na avaliação, geralmente é utilizado com o objetivo de observar aspectos motores, emocionais e cognitivos da criança, além de ajudar a criar vínculo com o terapeuta. Já em terapia, o desenho assume diversos papéis, desde construtor dos conceitos de esquema corporal e espacial, e aprendizagem de léxico, até auxiliar em exercícios de motricidade oral e voz¹⁰.

No estudo das autoras, citado anteriormente, a grande maioria dos entrevistados relatou não ter recebido base teórica a respeito do desenho na graduação. Referiram à necessidade de o fonoaudiólogo conhecer mais os fundamentos teóricos do desenho, dada a frequência com que é utilizado. Também destacaram que a pequena quantidade de publicações acerca do desenho restringe a aquisição desse conhecimento específico¹⁰.

Segundo Rahal & Rolim⁹, o desenho infantil é uma linguagem espontânea e, por isso, um meio que contribui para o enriquecimento do diagnóstico fonoaudiológico. Essas autoras realizaram um estudo com o objetivo de analisar o desenvolvimento do desenho na fase pré-escolar em crianças com e sem alteração no desenvolvimento da linguagem. Além disso, elas discutiram a possibilidade da aplicação de uma escala evolutiva na avaliação fonoaudiológica, a fim de instrumentalizar o profissional para analisar os desenhos do ponto de vista gráfico e utilizar os dados colhidos como auxílio na compreensão e andamento do caso.

Rahal & Rolim⁹ utilizaram a escala de desenvolvimento de expressão gráfica proposta por Lowenfeld & Brittain⁷ para analisar os desenhos. Segundo as autoras, a análise dos desenhos das crianças sem alterações e com atraso no desenvolvimento de linguagem, mostrou que o aspecto gráfico do desenho contribui com a avaliação fonoaudiológica, porém, tal recurso não deve ser interpretado superficialmente⁹ ou isoladamente. A mesma classificação foi utilizada para a análise da presente pesquisa.

Na terapia fonoaudiológica, no caso de duas crianças surdas bilingues, as autoras observaram que o desenho impulsionou e desenvolveu os esquemas de conhecimento, que colaboraram na aprendizagem de novos conhecimentos, como observar e identificar, comparar, conceituar, pla-

nejar, relacionar e inferir. Além disso, esse recurso propiciou a narrativa e a troca de conhecimentos entre os participantes².

Na área da psicologia, o desenho foi considerado importante para a avaliação cognitiva infantil. Destaca-se que sua aplicação é fácil e adequada aos diferentes contextos culturais. Além disso, o desenho deve ser sempre combinado com outras medidas para avaliação do funcionamento intelectual por tratar-se de um instrumento direcionado para avaliar apenas um dos aspectos não verbais do funcionamento cognitivo infantil¹.

Devido ao tempo disponibilizado para a execução desta pesquisa, verificou-se como limitações o fato de as coletas de dados terem sido realizadas em grupos e em intervalos de tempo pequenos, entre uma coleta e outra (apenas um mês).

Dada a importância desses estudos para a fonoaudiologia, sugere-se que outras intervenções relacionadas à evolução do desenho infantil sejam desenvolvidas, de forma individual e com maior intervalo de tempo entre as coletas de dados. Isso permitiria confirmar se há, realmente, uma evolução significativa dos desenhos feitos pelas crianças, possibilitando o estabelecimento de etapas, como instrumento norteador para o fonoaudiólogo. Além disso, sugere-se que essas investigações sejam realizadas no âmbito da fonoterapia, de forma a problematizar e demonstrar a importância do uso do desenho no *setting* terapêutico.

Conclusão

A classificação para a evolução do desenho infantil utilizada neste estudo, que contempla a fase das garatujas e fase pré-esquemática, reforçou que há evolução do desenho infantil, à medida que a criança vai se desenvolvendo, conforme sua faixa etária. Além disso, crianças na faixa etária dos

quatro anos de idade já são capazes de antecipar, manter a ideia daquilo que vão desenhar, acrescentando, muitas vezes, detalhes ao final da sua produção gráfica.

Dada a importância de estudos sobre o desenho infantil para a Fonoaudiologia, sugere-se que outras intervenções relacionadas à evolução do desenho sejam desenvolvidas, de forma individual e com maior intervalo de tempo entre as coletas de dados.

Referências

1. Wechsler SM, Schelini PW. Validade do Desenho da Figura Humana para Avaliação Cognitiva Infantil. *Aval. psicol.* 2002; 1(1): 29-38.
2. Araújo CCM, Lacerda CBF. Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.* 2008; 13(2): 186-92.
3. Derdyk E. Pensamento e ação no magistério. Formas de pensar o desenho. *Desenvolvimento do grafismo infantil.* São Paulo: Scipione; 2003.
4. Souza SV, Camargo D, Bulgacov YLM. Expressão da emoção por meio do desenho de uma criança hospitalizada. *Psicol. estud.* 2003; 8(1): 101-9.
5. Souza SHV. A criança e a expressão do pensamento através do grafismo. *Revista Thema.* 2012; 9(2): 1-23.
6. Bombonato GA, Farago AC. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade.* 2016; 3(1): 171-95.
7. Lowenfeld V, Brittain WL. *Desenvolvimento da capacidade criadora.* São Paulo: Mestre Jou; 1970.
8. Alexandroff MC. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. *Constr. psicopedag.* 2010; 18(17): 20-41.
9. Rahal A, Rolim DB. Desenho Infantil e sua aplicação na avaliação fonoaudiológica. *Rev. CEFAC.* 1999;1(1): 1-7.
10. Luchesi KF, Reily L. O papel do desenho na clínica fonoaudiológica: profissionais falam de sua prática. *Disturb. comun.* 2007; 19(1): 51-61.
11. Montanini LADS. *Desenho e jogo simbólico: uma relação possível [Dissertação].* Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas; 1997.